

Techezaknu

n°4 maio de 2012



Habonim Dror
Brasil

Sumário

Editorial	3
O Kibutz – o quê, por quê, quando, onde? De <i>John Fedler</i>	5
Kibutz SIONISMO de <i>Kike Rosenburt</i>	7
O kibutzianismo não morreu de <i>Ilan Bajarlia</i>	11
O <i>Kibutz</i> em nosso dias de <i>Amós Oz</i>	13
Crônicas do Kibbutz com <i>Eliyahu “Tse-Tse” Regev</i>	16
Dar ao Sonho uma possibilidade de vida de <i>Muki Tzur</i>	17

Editorial

Chaverim Iekarim,

É com felicidade que lhes apresento o mais novo número do nosso *Techezaknu*, tendo o "*Kibutzianismo*" como tema. É gratificante poder dar continuidade ao projeto iniciado pela *Moatzá Chinuchit* de 2011, que demos início a este projeto com o intuito de melhor capacitarmos durante o processo de *kinus*, mas que, na verdade acaba por ter efeitos muito além deste. Sendo assim, julgamos ser válida a continuação do processo como forma de crescimento e aprendizagem constantes para nós, *chaverim da tnuá*.

Atualmente, consta no nosso estatuto o seguinte parágrafo sobre a ideologia *kibutziana*:

"Somos *Kibutzianos*, porque vemos no *Kibutz* clássico a síntese de todos os valores e ideologias que cremos em seu modo de vida. Nós acreditamos em uma vida em *Kvutzá*, preservando os valores de liberdade e igualdade e estimulando sempre o sentido da coletividade sem que se abra mão a individualidade existente em cada ser humano. Nós acreditamos na vida em que cada qual deve estar inserido na sociedade, trabalhando e lutando pela construção de uma sociedade onde haja maior cooperação e justiça social, onde cada indivíduo possa ter uma vida digna, e não sermos pessoas alheias à realidade do mundo que nos cerca.

O *kibutz* é uma forma organizacional idealizada e concretizada pelos *chalutzim* e foi um dos melhores e mais úteis instrumentos de criação do Estado e também formador da cultura do povo. Foi a forma mais perfeita de concretização das nossas aspirações de reconstrução nacional. Diante da crise *kibutziana*, o *Habonim Dror* vem buscando novas formas de vida que permitem a realização dos nossos ideais sejam elas no campo ou nas cidades. Nós acreditamos que o/a *chaver(á)* do *Habonim Dror* deve seguir esse modelo de vida como ideal de realização máxima da *tnuá*. Hoje em dia, vemos na vida *kibutziana* uma importante ferramenta de mudança e intervenção social, além de representar de forma plena nossos valores (sionismo-socialista, judaísmo, *chalutzianismo*)."

Com os textos aqui presentes, espera-se que possamos entender melhor aquilo que dizemos ser e gerar um diálogo entre aquilo que somos e o que buscamos. Dentre os textos selecionados, encontra-se um texto do jornalista John Fedler que faz um panorama geral da história do movimento *kibutziano*, seguido de um artigo de opinião do nosso querido *sheliach*, Kike, em que são vistos as principais mudanças dentro do sistema *kibutziano* e os seus efeitos para que melhor se possa compreender o *kibutz* hoje. Em seguida tem-se um texto escrito por um *boguer* uruguaio do *shnat* 2009 em que é atestada a vitalidade do *kibutzianismo* hoje, mais além do *kibutz* como lugar físico. Ainda temos *links* para uma série de vídeos com depoimentos do escritor Eliyahu "Tse-Tse" Regev que faz, de forma muito clara, um panorama geral do *kibutz*, questionamentos internos e relações. Mais dois textos compõem o nosso *iton*, ambos foram achados em uma apostila sobre o *kibutzianismo* feita pelo *Dror Latino* na década de 80 e achados no arquivo da *Tnuá HaKibutzit* em Ramat Efal, por Gustavo Guerchon, durante o processo de criação da *Machané Shorashim*. Um dos textos é do aclamado escritor israelense, Amós Oz, e o outro do historiador e considerado "guru" do movimento *kibutziano*, Muki Tzur, os dois discorrem de forma lúcida sobre o papel do *kibutz* na sociedade israelense e suas mudanças internas. Apesar de terem sido escritos a cerca de 30 anos, ainda se mostram extremamente atuais.

No mais, agradeço imensamente a todos aqueles que se dispuseram a traduzir os textos para que eles se tornassem acessíveis para um maior número de *chaverim* da *tnuá*. Para críticas, dúvidas, sugestões, podem me mandar um e-mail: daniel.torban@gmail.com.

Ale VeAgshem,

Daniel Torban

Rosh Chinuch Artzi

O Kibutz – o quê, por quê, quando, onde?¹

JOHN FEDLER²

Passou-se quase um século desde que um pequeno grupo de jovens judeus que haviam emigrado da Europa Oriental, inspirados no sionismo e no socialismo, fundaram a primeira *kvutzá* (“grupo”, em hebraico, posteriormente chamado *kibutz*, “comuna”, quando o número de membros cresceu) nas margens do Mar da Galiléia.

Apesar de cada *kibutz* ser uma unidade social e economicamente autônoma, as federações nacionais coordenam as atividades e também alguns serviços. Até os primeiros anos do século XXI, a maior federação nacional foi o Movimento *Kibutziano* Unificado, normalmente mencionado pelo seu acrônimo hebraico TAKAM, ao qual eram afiliados cerca de 60% dos *kibutzim*. Aproximadamente 32% deles pertenciam ao movimento *Hakibutz Haartzí*. Hoje em dia, o TAKAM e o *Hakibutz Haartzí* estão unificados e fazem parte do TAKATZ. A terceira federação é o *Hakibutz Hadati* (*kibutzim* religiosos), que é afiliado a 6% dos *kibutzim*. Há também dois *kibutzim* ultraortodoxos que pertencem ao movimento *Poalei Agudat Israel*.

A maior parte dos *kibutzim* possui uma disposição similar; as instalações comunitárias como o refeitório, um auditório, escritórios e biblioteca no centro, rodeadas pelas casas dos membros e os jardins. As instalações educacionais e esportivas ficam por trás deles, e os edifícios industriais e terrenos agrícolas ficam no perímetro, ao redor do *kibutz*.

Em 1909, um grupo de jovens pioneiros que drenavam pântanos perto de Hadera e viviam como uma comunidade coletiva, decidiram criar uma fazenda independente, propriedade de seus membros trabalhadores, em Degania, formando assim a primeira “*kvutzá*”. Outros grupos seguiram esse exemplo e na Segunda Guerra Mundial havia mais de 30 comunidades desse tipo na Palestina.

Estes “pais fundadores” haviam imigrado no século XIX e começo do século XX, principalmente vindos da Rússia e estavam cheios de ideais socialistas e do espírito da época, inspirados na Revolução Russa. Acreditavam também em um sionismo baseado no retorno à Terra de Israel e no cultivo dos campos. Acreditavam que isso levaria à criação de uma nova identidade judaica, o que expressava também sua posição política no estabelecimento de assentamentos judeus na Palestina.

Estes primeiros assentamentos se consideravam grandes famílias e possuíam poucos membros. Por exemplo, em 1913-14 Degania tinha apenas 28 integrantes. Eram pobres, a vida era dura e as tarefas se centravam na agricultura, que exigia a drenagem de pântanos, a remoção de rochas nas montanhas e a transformação de partes do deserto em terras férteis. Também enfrentavam muito calor, a malária e outras doenças associadas à desnutrição.

A vida social girava em torno do refeitório, onde as pessoas se encontravam, comiam e conversavam. As decisões se tomavam por meio da democracia direta. Nas discussões, que

¹ Ilan Bacharlia, Martin Gecher, Ariel Ascher e Matias Cohen. Choveret: Kibutzianismo no Habonim Dror. Machon le'madrichim, Meoravut, Moked Mechkar. Originalmente publicado em outubro de 1999. Traduzido por: Renata Scherb, shnat 2011

² Jornalista, membro do *kibutz* Beit Haemek

normalmente se prolongavam até altas horas da noite, os membros resolviam como distribuir os trabalhos do dia seguinte, cumprir com seus deveres, afazeres da cozinha e outras tarefas; também debatiam os problemas e tomavam decisões relevantes.

Na década de 80, a inflação de três dígitos e as taxas de juros exorbitantes, levou muitas fábricas *kibutzianas* (junto com muitas outras empresas particulares) e as comunidades em que elas se encontravam, praticamente, à ruína. As dívidas que os *kibutzim* tinham contraído com os bancos, cresceram muito com a inflação (que em 1984 chegou a 450%). A grande instabilidade causou sérios problemas no movimento *kibutziano*, que havia pegado muito empréstimo para desenvolver suas indústrias e uma mudança em sua estrutura interna. Em 1985, um terço dos *kibutzim* estava com dificuldades financeiras.

O governo, os bancos e as federações *kibutzianas* chegaram a dois grandes acordos para o cancelamento e reestruturação das dívidas. O preço foi alto: alguns *kibutzim* tiveram que vender terras para pagar suas dívidas; outros tiveram que reduzir seus custos operacionais, encontrar novas fontes de renda e aumentar sua produtividade. Muitas vezes isso causou cortes drásticos na comida, na assistência médica, na educação e nas viagens, assim como no abandono de certas concepções ideológicas, especialmente no campo da igualdade.

Nas primeiras décadas da vida independente do estado, apesar de altos e baixos, se viu um crescimento acelerado dos *kibutzim*, tanto a nível demográfico quanto econômico. Nasceu uma terceira e quarta geração de *kibutznikim* (membros do *kibutz*) que deu lugar à formação de grandes grupos familiares. O nível de vida melhorou; na década de 60 cresceu mais rápido que o país em geral. Em um período de 75 anos, a população do *kibutz* cresceu de forma constante; a partir de 1990, entra em declínio.

Em 1948, com o estabelecimento do Estado de Israel, os *kibutzim* tinham conseguido não só criar uma sociedade única, se não que também eram em muitos aspectos um instrumento na luta para a criação do Estado e seu desenvolvimento precoce. Os *kibutzim* tiveram um papel fundamental no assentamento de zonas distantes e próximas às fronteiras do futuro estado, na absorção de novos imigrantes, na defesa e no desenvolvimento agrícola. Desde que essas funções passaram às mãos do governo, a interação entre os *kibutzim* e a sociedade, em geral há diminuído muito; mas nunca desapareceu completamente.

Ano	População	Número de <i>Kibutzim</i>
1910	10	1
1920	805	12
1930	3.900	29
1940	26.554	82
1950	66.708	214
1960	77.950	229
1970	85.110	229
1980	111.200	255
1990	125.100	270
2001	115.500	267

Kibutz SIONISMO.³

KIKE ROSENBURT⁴

O fenômeno do *kibutz* já tem mais de 100 anos de vida, mais além de ser um tema muito explorado por sociólogos e antropólogos, é algo que ainda existe. E, ao existir algo mais de 100 anos sem ser um museu ou monumento, isso precisa mudar e se desenvolver. Queria falar sobre 10 pontos para desenvolver historicamente e poder compreender melhor a situação hoje em dia.

Infelizmente, no pouco espaço que temos, não poderei aprofundar mais sobre a história do movimento *kibutziano*, os outros estilos de movimentos, como o *kibutz artzi* e o *kibutz dati*. Entendo que um *chaver* que lê isso já conhece um pouco da história e não explanarei sobre: a remuneração igualitária, propriedade coletiva, regime coletivo, etc. Espero que este básico possa gerar um intercâmbio de comentários.

Vamos aos pontos que me interesse focar:

1. O *Kibutz* não nasceu como uma necessidade socialista, senão, porém, por uma necessidade de segurança e assentamento na Terra de Israel. Já disse Shimon Peres, se desligarmos as luzes de toda Israel e pedirmos que só os *kibutzim* ligassem as luzes, veríamos quase todos os limites de Israel. Nosso grande historiador Muki Tzur, nos ensina que os ideais da terceira aliá, influenciaram que os *kibutzim* nascessem de uma forma socialista. Contudo, os *kibutzim* não eram a única forma de assentamento agrário.
2. Degania não foi o primeiro *Kibutz*, senão Ein Harod (logo após a separação entre *Ichud* e *Mehuchad* que já vou desenvolver mais a frente). Degania Alef, se chama *kvutza* e justamente o que eles queriam criar era uma *kvutza* íntima. No momento em que os *kibutzim* começaram a crescer e servir demograficamente ao país, eles já perderam a sua essência: a de ser um grupo pequeno de pessoas que confiam umas nas outras, se conhecem e podem construir a base para um diálogo.
3. O *Kibutz*, desde o seu nascimento, começou com os processos de privatização, dizer que só depois da crise das décadas de 70 e 80 os *kibutzim* se privatizaram é mentira. Já na peça teatral "A noite do 20" de Yeoshua Sobol se pode ver que desde o começo, os primeiros dilemas eram sobre coletivismo e liberdade individual: se o sexo-amor teria que ser coletivo ou só com a pessoa que sentimos atração ou amamos, ou se as cartas que recebiam das famílias na Europa eram para serem lidas publicamente ou cada uma em separado. Muki Tzur nos conta que "a revolução da cafeteira", o conflito causado na primeira vez que um *chaver kibutz* quis tomar o café na sua casa, tendo a sua própria cafeteira e não no *Cheder Ochel* com o resto dos *chaverim*.
4. *Ichud* e *Meuchad* - Este ponto é interessante ressaltar já que houve impacto da guerra fria na década de 50, no posicionamento dos *chaverim* em relação à União Soviética e sua relação com Israel. Influenciaram a muitos *chaverim*, não somente decidiram passar do partido MAPAI (partido dos trabalhadores da Terra de Israel) para o

³ Traduzido por: Daniel Torban, shnat 2010.

⁴ *Sheliach* do *Habonim Dror* Brasil

MAPAM (partido trabalhador unificado). Senão que gerou a separação do movimento *kibutziano* unificado e assim muitos *kibutzim* se separaram em dois dividindo os bens de maneira conflituosa, gerando um divórcio *kibutziano*. O primeiro *kibutz* foi Ashdot Yaakov, e hoje em dia podemos ver *kibutzim* que tem o mesmo nome, só que um é *Ichud* e outro *Meuchad*.

5. A *aliá* (subida) de Beguin ao poder, no ano de 1977 gerou o que os meios israelenses chamaram de *Maapach*, um estilo de revolução. Já que a direita israeli, nas mãos de Menachem Beguin, subia pela primeira vez ao poder, levando uma promessa de política social para todas as classes. É interessante ver como, apesar do MAPAI ter construído um estado de bem-estar social e os *kibutzim* desenvolverem uma vida socialista, não incluía a *aliá* Oriental nesses modelos e mantia os *kibutzim* desconectados do resto da sociedade, que, mais além do impacto da guerra de *Iom Kipur*, provocou essa mudança. Beguin, além de muito criticar os *kibutzim*, alegando que tinham vida de ricos, desperdiçavam comida e passavam todas as tardes na piscina, não valorizou que tudo isso foi contruído em base ao trabalho e parte de suas políticas foi diminuir o apoio econômico do Estado aos *kibutzim*. Podemos ver, segundo os historiadores, que este foi o grande tobogan ideológico, em que, anos mais tarde, aconteceria a Grande Privatização dos *kibutzim*.
6. Crise dos *kibutzim*: Acompanhado de políticas neoliberais e grande perda de dinheiro dos *kibutzim* nas Bolsas de Comércio Israelense, acabou por fazer os *chaverim* refletirem se realmente o modelo socialista-comunista era o ideal para o futuro dos *kibutzim*, que pouco a pouco, começaram com processos de privatização, separando a comunidade da produção. Alguns começaram pelo *Cheder Ochel*, cobrando pela comida, outros com salários e outros com serviços. Esses três foram os fatores primários da privatização. Muito *kibutzim* também venderam ou tercerizaram suas fábricas e empresas.
7. *Lina Meshutefet* [forma em que as crianças do *kibutz* dormem juntas] - *Lina Mishpachtit* [forma em que as crianças dormem com as famílias]. Outras mudanças sofridas pelo *kibutz* foi a passada da Casa das Crianças, onde todos as crianças do *kibutz* viviam e se criavam juntas, gerando, desde o nascimento, um sentimento de grupo e vida comunitária, tão forte era esse vínculo, que na *Tzahal* valorizavam muito aos *chaverei kibutz* para ser parte dos comandos especiais, pelo alto nível de educação e companherismo. A mudança fez com que cada criança devesse crescer na casa de sua família, unindo-os aos pais e deixando de lado o crescimento grupal. Houve muitas críticas à *lina meshutefet*, alegando que gerou traumas nas crianças, contudo, a mudança de modelo não fez com que as famílias se ocupassem mais dos filhos, exatamente.
8. Comunas e *kibutzim* urbanos - historicamente as comunas existiram fora de Israel e foram uma resposta à vida em comunidade, paralelamente ao *Kibutz*. Em Israel, a crise dos *Kibutzim* fez com que, além de fecharem suas portas, não dessem mais uma resposta social. Jovens, especialmente de movimento juvenis, começaram a criar comunas, no início em grandes cidades, como Jerusalém e Tel Aviv, e logo, com o apoio de prefeituras e governos de cidades em desenvolvimento, foram se disseminando por toda Israel, também criando-se *kibutzim urbanos*, em Beit Shemesh,

Beer Sheva e Holon. Por um lado, elas nasceram como Degania, *kvutzot*, pequenas e íntimas, contudo algumas comunas cometem o mesmo erro que os *kibutzim*, gerando rigidez ideológica e nem todas estão conectadas com a sociedade. Eu acredito que a comuna ideal é a que fixa como projeto um impacto social onde ela exista e melhorar o entorno. *Habonim Dror* em Israel têm *chaverim* que vivem em comunot, tanto inglesas, de uma maneira mais rígida, como latinos, que a maioria não se autodemonina de comuna, mas sim, mantém uma vida em *kvutza* e ativa.

9. Conexão do *Kibutz* com a sociedade. O movimento *kibutziano* tenta, de alguma maneira, se conectar com o resto da sociedade israelense. Tanto nos partidos de esquerda, como no *Hatzmaut*, tem *Chaverei Knesset* membros de *kibutzim*, como nas Organizações Sionistas. O movimento *kibutziano* tem um departamento de *Messimot* (missões), no qual tenta realizar mobilizações sociais e campanhas, como por exemplo, arrecadação de comida, liberação de Guilad Shalit, encontros de convivência entre israelenses e palestinos, entre outros. É uma forma que o movimento *kibutziano* tenta ser relevante, contudo, é notório que com a privatização dos *kibutzim*, o impacto para fora é cada vez mais irrisório e insignificante. É interessante ressaltar, que com a crise, quando os *chaverim* começaram a trabalhar fora do *kibutz* muitos se conectaram mais com a sociedade e não foram poucos os que optaram por trabalhar em organizações governamentais, sociais e outros em ONG's.
10. *Kibutz* hoje e os próximos anos. O *kibutz* hoje é impossível definir ele de uma só forma, se bem que nosso sistema cognitivo, *kibutz* figura como algo socialista, agrário, coletivo e humilde. Hoje em dia podemos ver que tanto o movimento *kibutziano*, como cada *kibutz* em particular, estão modificando seu modo de viver, tratando de manter sua essência, especialmente como *AGUDA SHITUFI* (cooperativa), mantendo os *chaverim* como sócios e eles mesmos decidindo suas vidas. Os *kibutzim* hoje em dia têm a necessidade de se expandir e abrir as portas para mais *chaverim*, o que por um lado dá lugar à participação, mas, contudo, transforma eles em bairros privados para pessoas que têm condições econômicas de comprar uma casa, em lugar de privilegiar o capital humano e pessoas que querem viver em comunidade. Se vamos a um *kibutz*, podemos encontrar dos quase 270 *kibutzim*:
 - a. *Shitufi*: Ainda mantendo o espírito *kibutziano* (70)
 - b. *Mitchadesh*: Em processo de privatização, a grande maioria, alguns se diferenciam ao ter rede social para os *chaverim*.
 - c. *Ishuv Kehilati*: Totalmente privatizado, mantém o espírito comunitário.

Então, depois de ler esses pontos, para alguns esclarecedores e para outros não. O *kibutz* morreu? Mudou? O que vai ser dele?

Para os nostálgicos bolcheviques, podemos ver que o *kibutz* clássico é uma minoria, existem, mas não dominam. A sociedade globalizada e externa influenciou muito no curso dos anos para os *chaverim* se adaptarem a ela.

Eu acredito que do elitismo social, os *kibutzim* estão indo ao elitismo econômico, e isso me preocupa. Já que o caminho que alguns *kibutzim* pegaram é o de se transformar em *Country Clubs* para famílias com poder aquisitivo e estão esquecendo-se que realmente, mais além do dinheiro, o *chaver* deve ter valores morais e sociais.

Tem muitos pontos que gostaria de desenvolver, mas me parece correto fechar com certos paradigmas:

1. O *kibutz* ocorreu só em Israel, fora de lá, não é *kibutz*, uma vez que é um fenômeno sionista.
2. Para todo aquele que acredita no *kibutzianismo*, apesar de não estar conectado com o *kibutz* hoje, podemos aprender muito do seu impacto na História e também como modelo de vida coletiva.
3. A vida coletiva é um bom modelo a ser seguido e não só existe por meio do *kibutz* clássico, as comunas são uma grande resposta, sempre e quando não cometam os mesmos erros que o *kibutz* já cometeu.
4. O *kibutz* fisicamente pode morrer, mas conceitualmente não. E é algo que temos que reforçar nas *tnuot kibutzianas*, o mesmo com valores sociais e judaicos. Já que o *kibutz* e o movimento se modificam constantemente.
5. *Kibutzianismo* é mudar em conjunto, às vezes as *tnuot* são muito ortodoxas para mudar ou queremos mudar por interesses das *hanagot*. É importante o compromisso e a visão para mudar.
6. Não podemos esquecer que as bases da nossa *tnuá* estão no *kibutz*, desde os *tafkidim*, a vida coletiva, a importância do grupo como fator de mudança e, especialmente, Israel como lugar de revolução.

Alê VeAgshem, Alo Nale

O *kibutzianismo* não morreu⁵

ILAN BAJARLIA⁶

Em primeiro lugar, quero esclarecer por que razão é que estão embaraçosamente equivocados aqueles que atribuem o “fim da história” ao movimento *kibutziano*. Aqueles que sustentam isso, pois, devem despertar-se de seu eterno repouso de uma vez por todas. É que, sem dúvida, encontram-se ofuscados por um fantasma que os deixou sem relógio e sem terra; que os extrapolou aos princípios do passado e que desembocou-os num sonho impossível de traduzir em símbolos reais e em códigos intercambiáveis no século XXI. Não resta outra opção que não seja ajudá-los.

O *kibutz* foi o resultado de um campo de ideias e de valores muito anteriores às formas em que se converteram em realidade e que, juntas, fizeram da segunda *aliá* um passo fundamental para conseguir escalar em direção ao topo. Uma *aliá* massiva que converteu-se em necessária e também no meio para gerar, por fim, o Estado modelo que haviam desenhado em suas cabeças aqueles visionários e adolescentes rebeldes. Porém não é só isso. Muito mais além de tudo, esses *chalutzim* chegaram a Israel para levantar a bandeira do sionismo por sobre os pântanos que teriam que enfrentar com pás, se é que queriam construir um lar ao seu exilado e perseguido povo.

Agora então, qual era a ideologia do *kibutz*? Ou se não, quem acaso conhece um manifesto ideológico que preveja a criação de *kibutzim*?

É que, na realidade, nunca o *kibutz* foi o “para que”, senão o “como”. Foi, desde os seus começos, o plano estratégico para transformar as inquietudes do momento em ações: criar o Estado de todos os judeus do mundo e fazê-lo muito mais justo e muito mais igualitário do que os lugares de onde eles vinham.

Não obstante, isso não quer dizer que o *kibutz* tenha perdido a vida. Pode ser que muitos deles hajam tido que se desintegrar uma vez que não puderam adaptar suas estruturas – junto a suas ideologias – aos tempos em que o capitalismo tocava o chão. Também é certo que muitos modificaram suas próprias formas de viver e de panificar suas comunidades, privatizando-as, com ou sem refinamentos, e fazendo “do socialismo para dentro e do capitalismo para fora” sua insígnia. Porém dizer às milhares de pessoas que seguem vivendo nos aproximadamente 270 *kibutzim*, que o lugar onde vivem não é mais que um passado sem sentido, pois, mais que ilógico, seria patético.

Porém o que sucede com os *kibutzim* não define o *kibutzianismo*, assim como jamais em sua história definiu. O *kibutz* foi o resultado da conjunção entre as necessidades do momento, os valores, os ideais e os sonhos dos seus arquitetos. O sionismo socialista encontrou neste “recipiente”, como disse antes, o espaço perfeito para manter seu “perfume” vivo, próspero e útil.

Dito isso, não é o *kibutz* o relevante nem o único a que devemos conceder o monopólio dos valores e ideais do movimento trabalhista: o *kibutzianismo* é o aroma que

⁵ Fonte: http://judaismohumanista.ning.com/profiles/blogs/el-kvutzianismo-no-ha-muerto?xg_source=activity. Traduzido por: Eduardo Kives Shnat 2011.

⁶ Boguer do Uruguai, shnat 2009

segue brilhante no ar, e não o *kibutz*. O campo conceitual e moral que encontra na *Torá* o ser humano como o centro deste planeta; que encontra o sionismo como a ideologia que luta pelo direito da nação judia de viver junta e de possuir um país próprio e próspero, assim como de cultivar e desenvolver sua cultura de forma ilimitada; que encontra à justiça social e ao *tikun olam* como as melhores formas de inalar e exalar compromisso com o planeta onde vivemos em geral, e com a sociedade que nos rodeia em particular; que encontra os direitos e liberdades individuais acima de qualquer outra coisa neste mundo; que vê a democracia como um valor e como uma forma de vida, ademais do sistema que deve imperar em nossa cultura e em nossa política; que encontra a relevância que assume a *kvutzá* – o grupo – como forma de desenvolvimento e de crescimento individual; e que encontra a paz e a tolerância como as únicas formas de conseguir-se que perdure na prática o sonho milenário de um Israel judaico e democrático, é, sem dúvida, a base que sustenta todo o resto.

Graças à coerência de seus líderes, o *kibutzianismo* soube adaptar-se às novas realidades com as quais teve que se enfrentar; soube balancear-se perfeitamente entre os fatos e as utopias. Assim como o *kibutzianismo* dos primeiros *olim* encontrou sua explicação no *kibutz*, hoje encontra-a nas comunas e nos *kibutzim ironim*, tanto como em um apartamento comum e usual em Tel Aviv, em uma *kehilat noar* em Beer Sheva ou nos mesmíssimos *kibutzim*.

Que não é o *kibutz* a bandeira de todo aquele que aspira a este movimento ideológico, senão a essência que inspirou seus construtores é, indubitavelmente, uma grande verdade. Também o que o *kibutz* foi, e é: um orgulho israelense como modelo histórico de “socialismo real” a nível mundial. O *chalutz* paradigmático de pá na mão, terra na cara e *chultzá* no peito, não é mais do que uma foto inesquecível em cada um de nossos corações na hora de educar e de viver por e para estas ideias. Porém atribuir-lhe uma mitologia inexistente, e por isso, pensar que para reviver o *kibutzianismo* no século XXI tem-se que viajar até o cemitério, é um retrogradismo cego que segue advogando, ilusória e nostalgicamente, por um retorno a um passado que foi “melhor e muito mais ideológico”. O bezerro de ouro deve ser trocado por compreensão de mudança e, sobre tudo, por aceitação das circunstâncias que nos espreitam. Se não, pois, a âncora nos trancará no ontem por e para sempre, e viveremos rodeados de fantasmas.

Hoje em dia, devem ser atualizados os meios para impactar o *kibutzianismo* na sociedade se é que se pretende vigência ao mesmo tempo que coerência. Educando e contribuindo em nosso planeta é que podemos obter a mudança que advogamos: fazendo da essência que nos conforma e do conteúdo sobre o qual vivemos, uma ideologia que se corresponda com o mundo ao mesmo tempo que com seus ideólogos; e com seu passado – e sem tirar os pés do chão -, ao mesmo tempo que com o seu futuro.

Olim = aqueles que fizeram *aliá*

Kibutz ironi = *kibutz* urbano

Kehilat Noar = comunidade de juventude

Chalutz = pioneiro; primeiros *olim*

Chultzá = camiseta; uniforme de trabalho usado nos *kibutzim*, usado pela juventude sionista-socialista.

O *Kibutz* em nosso dias⁷

AMÓS OZ

Às vezes me perguntam aqui, e também no exterior, se *Chulda*, meu *kibutz*, não é demasiado pequeno para mim, ou perguntas como essa.

Questionam-me sobre o ar provinciano e coisas do tipo. Surpreendem-se como eu posso lidar com o instinto errante e amante de aventuras que é habitualmente forte entre os contadores de histórias.

Mas esse instinto não necessariamente tem que estar pronto para viajar. A fofoca, por mais local que seja, pode satisfazê-lo completamente. O olhar torto na vida das outras pessoas.

Aqui, em *Chulda*, eu conheço muita gente, mais ou menos 300 pessoas, e as conheço intimamente. Depois de 20 anos no mesmo lugar conheço a genética em ação. Pais e filhos, tios e avós, combinações de cromossomos e também de armadilhas do destino. Se tivesse vivido em Londres, Tel Aviv, Paris, não iria conhecer tão intimamente a 300 seres humanos. Nem os grupos de literatura ou círculos de intelectuais, acadêmicos ou artistas são diferentes, todos são compostos por homens, mulheres, crianças e idosos.

Certamente não me esqueço do preço disso: que muitas pessoas diferentes me conhecem e querem saber um pouco mais de mim, mais do que gostaria que soubessem.

É aqui que vou diminuir este problema, com a ajuda de algumas estratégias (não muito engenhosas, nem desonestas); não nomearei estas estratégias aqui, nem em nenhum outro lugar.

Observo e vejo um sistema social que, apesar de suas falhas, é o melhor e o menos cruel de todos os que vi. E eu vi um pouco, nasci e cresci em Jerusalém, em um ambiente muito diferente dos *kibutznikim* e porque passei diferentes épocas em diferentes lugares.

O *Kibutz* é o único experimento nos tempos modernos que desconecta o trabalho da recompensa material, e este experimento, nas palavras de Martin Buber, é um “não fracasso exemplar” (a meu ver está é a exata definição).

O *kibutz* é um experimento onde se forma uma sociedade coletiva-igualitária sem meios de coerção, de se deprimir, derramar sangue ou lavagem cerebral. É também um experimento único, que restabelece a existência da família estendida, para o bem ou para o mal.

Talvez a maior perda da vida moderna seja a família estendida (clã). Este tipo de família, evidentemente, também tem seu preço: a sufocação, a inveja, a opressão dos convencionalismos, etc. Porém nos momentos de penúrias, grandes perdas, enfermidades ou velhice se destaca que a solidariedade dentro do *kibutz* é a menos cruel de todas as solidariedades tão bem conhecidas pelos habitantes alienados das grandes cidades, a solidão da multidão desconhecida é cruel e sem sentimentos e teus atos não tem valor, e teus sentimentos não tem sentido, e, muitas vezes, tua vida e tua morte passam sem deixar nenhum vestígio.

⁷ Retirado de: Apuntes antropológicos: Cuadernos de Kibutz (1). Centro Educativo Efal: Habonim Dror, Mador Amlat. Israel, 1985. Traduzido por Gabriel Arnt, *shnat* 2008.

No *kibutz*, quando te machucas, reagem todos como se fosse um só organismo, todos se machucam contigo. E quando um se ofende todo o *kibutz* se ofende e se humilha. Certamente dentro desta intimidade também nascem os atributos negativos, disfarçados ou não: falsa piedade, mesquinha, inveja e a compreensão limitada. E com tudo isso – tudo é carne de tua carne e tu és carne da carne do *kibutz*. E tudo isto, antes de começar a falar dos valores, princípios, crenças e ideais, sobre tudo o que vejo como justo e que o *kibutz* oferece a possibilidade de realizar.

Um ponto positivo no *kibutz* foi o que não teve um “pai fundador” como um “guru” com barba, do qual se pode fazer um pôster e colá-lo na parede, e também não teve um livro sagrado no qual deve reger a sua vida. Se o *kibutz* tivesse um profeta fundador um catecismo, seguramente, não teria durado mais que uma geração, porque a condição humana em suas tendências e suas vicissitudes é tão complexa que faria explodir qualquer esquema rígido ou sistema esquemático.

O segredo da permanência do *kibutz* por várias gerações (agora na quarta) em contradição com a desintegração de todas as comunas modernas na 1ª geração e, às vezes antes disso, é a sua secreta flexibilidade.

Eu digo flexibilidade secreta porque o *kibutz* pretende parecer como persistente, inflexível, conseqüente e rígido e mostrar que todas as mudanças são interpretações legítimas dos princípios básicos consolidados.

Isto é certo e não é. Certo é que existem alguns princípios básicos, melhor dito, sensibilidades básicas que são intransigíveis. Porém nos últimos anos se está descobrindo uma reconciliação sábia com o fato de que “nem tudo se pode resolver”. Que o mundo não foi criado em pares “problemas-soluções” e que a ordem social não é um casamenteiro que sempre consegue adaptar pacificamente os pares entre si. Há no mundo mais problemas que soluções. Quero afirmar que: não é que neste momento sobraram muito mais problemas sem solução, mas que, basicamente, há no mundo mais problemas que soluções. Um conflito, geralmente, não se resolve ele se consome lentamente ou não e se vive com ele e a carne na qual penetrou esse doloroso fragmento se cobre e acolchoa.

Está sabedoria, o *kibutz* começou a aprender nos últimos anos. O *kibutz* se converte em menos dogmático e menos fanático, em uma sociedade que possui a sabedoria dos idosos com a paciência e a benevolência dos avós.

Não é que esteja despreocupado ou “feliz” ao ver certos sintomas e processos, ou por esta condução ou outra. Só estou alegre ao ver o *kibutz* aprendendo como reagir ante as exceções, ante os desgastes das normas, ante as mudanças dos tempos e dos gostos através de uma reação calma e paciente, quase diria astuciosa, como se o *kibutz* sussurrasse a si mesmo: “vivamos e veremos”.

Se tivesse que escolher entre a vida do *kibutz* nos anos 20, 30 ou 40 e a vida do *kibutz* em nossos dias, escolheria a de hoje em dia e fugiria aterrorizado do espírito daquela época.

Não somente pelo bem estar material (que tem uma boa influencia social, espiritual e ao mesmo tempo é a causa de muitos “desvios” que já conhecemos), mas principalmente porque se acrescentou a sabedoria e a tolerância.

Há muitos *vatikim* (membros veteranos) que não se cansam de alarmar, já faz anos, sobre o perigo do desmoronamento, profetizando o fim próximo. E eu vejo, contrariamente,

um fortalecimento, vejo muito mais auto-segurança, vigor interno e o humor com o qual se encara a si mesmo é uma prova disso.

O *kibutz* está tomando um caráter orgânico, um novo tipo de aldeia, com um número de famílias entrelaçadas e unidas a alguns princípios que não há necessidade de grava-los e marca-los para recitar noite e dia.

O *kibutz* já não é mais um experimento. Desenvolve-se de acordo a leis que regem sua própria engrenagem e não é movido por um esquema racional-ideológico.

O *kibutz* se ramifica, se transforma, veste e desveste formas, se aprofunda quando é seu tempo, floresce na sua estação, dá fruto em sua época e, de vez em quando, desabrocha.

Passou o tempo onde o *kibutz* era um acampamento ou um simples ponto colonizador no mapa. Já não é possível desistir, transferir, anular ou apagar tudo para começar de novo. O *kibutz* já vive do funcionamento de suas próprias engrenagens, longe do alcance dos legisladores de carne e osso, de congressos e discussões. E, como todo o mecanismo que já funciona sozinho, também este é um mistério conhecido e desconhecido ao mesmo tempo e parece burlar um pouco as generalizações e as formalidades.

Vivamos e veremos...

Crônicas do Kibbutz

Conjunto de entrevistas com Eliyahu "Tse-Tse" Regev, autor do livro "*The Kibutz Is Dead, Long Live the Kibutz*" sobre o desenvolvimento da história do *kibutz* e os conflitos enfrentados:

Parte 1 - Introduzindo o autor:

<http://www.youtube.com/watch?v=FS8AshmctXQ&feature=relmfu>

Parte 2 - O início do Socialismo:

<http://www.youtube.com/watch?v=ioedeDj3O6o&feature=relmfu>

Parte 3 - A próxima geração:

<http://www.youtube.com/watch?v=-5TC0byNPHo&feature=relmfu>

Parte 4 - Anarquistas vs. Marxistas:

<http://www.youtube.com/watch?v=ijkL8-SLIg8&feature=relmfu>

Parte 5 - Alternativas modernas:

<http://www.youtube.com/watch?v=uRkXJf8Mnaw&feature=relmfu>

Parte 6 - A motivação sionista:

<http://www.youtube.com/watch?v=8ZxdfOedJbg&feature=relmfu>

Parte 7 - Relações com árabes:

<http://www.youtube.com/watch?v=yFsTtAHQy1A&feature=relmfu>

Parte 8 - O divórcio do *Kibutz*:

<http://www.youtube.com/watch?v=nmZzl-Cx1cY&feature=relmfu>

Dar ao Sonho uma possibilidade de vida⁸

MUKI TZUR

O *kibutz* completou 70 anos. Muitos de seus fundadores chegaram à velhice. No curso de sua vida foram testemunhas de crises e de vitórias, de dias de exaltação e de decadência. Hoje em dia, muitos deles estão afundados em um profundo exame de consciência. Afinal foram exitosos? Perdurará algo de seu sonho de jovens?

Superficialmente, pareceria que as respostas a estas perguntas são positivas. Nas solenidades, nos dias de comemoração e de recordação, se tributa homenagens a tudo que fizeram. Seus netos não se cansam de perguntar sobre aqueles dias remotos. Repetem sem cessar os relatos desde o principio. Mas, por debaixo da solenidade desliza uma sensação distinta e eles vêm com seus próprios olhos como desmorona o plano original. A paisagem, as necessidades, as expressões, os gostos, as expectativas mudaram de modo dramático. Há momentos em que vemos o *kibutz*, mas não o compreendemos. Muita gente já faleceu, capítulos do passado que ainda ardiam na memória foram sepultados sob o peso dos acontecimentos. Figuras nas quais as pessoas depositavam confiança e para as quais recorriam nos momentos de pressão ou de desconforto, foram desaparecendo. Novas pessoas, novos apuros. Novos sonhos, novas exigências.

Uma das reações típicas perante atitudes desta índole é a aflição. Uma pesada sensação de perda, de que “todos foram levados pelo vento e arrastados pela a luz”. Um doloroso desperdício da ideia e da gente. A ideia, bem como a nossa vida, se aproxima de seu ponto final. É preciso chorar por ela, levantar-lhe uma lápide deslumbrante. Ou protestar com ira e recorrer a um tratamento sossegado para que o final seja o mais belo possível. Há alguns veteranos – e inclusive alguns jovens – que querem aplicar ao *kibutz* a respiração artificial. Não permitirão que o Anjo da Morte passe com sua gadanha! Lutarão até o momento final. Mas sabem que é o último. Se abraçam a luta final, mas o resultado desta luta é conhecido de antemão por eles.

O cântico dos cânticos entoado para o *kibutz* já ficou para trás, agora é a vez do livro das lamentações⁹. Um canto de protesto e de aflição pelos anos juvenis que já não voltarão.

Como de costume, nos momentos de luto, já aqueles que vestem roupas pretas e outros que trajam vestimentas floridas. Há aqueles que rasgam suas roupas para que todos saibam que guarda luto e aqueles que sustentam que a vida deve continuar. A reação florida proíbe o luto mas não é menos aflitiva. As declarações solenes – de que a representação deve continuar apesar de que “os vasos foram quebrados” e de que o sabor já não existe – não são menos dolorosas que o entrincheiramento na última barricada, ou que o patético hasteamento da bandeira cujas cores já estão desbotadas.

⁸ Retirado de: Apuntes antropológicos: Cuadernos de Kibutz (1). Centro Educativo Efal: Habonim Dror, Mador Amlat. Israel, 1985. Traduzido por Beni Gelhorn e Michel Ehrlich, shnat 2010.

⁹ O cântico dos cânticos (Shir Hashirim) e o livro das lamentações (Meguilat Eichá) são livros de Ketuvim, a terceira parte do Tanach (cuja primeira parte é a Torá). Shir Hashirim é uma homenagem ao amor. Já Meguilat Eichá narra a destruição do primeiro templo e costuma ser lida em Tisha be'Av. (nota do tradutor)

Os provérbios protetores que nos envolvem, a forte palmada no ombro e a piscadela, o sinal feito com os olhos para “adaptar” o quanto antes o *kibutz* aos ventos que sopram, a todos os ventos, não expressam menos a sensação de raiva, de afetação e de amargura dos “guardiões da cerca”.

Essas reações diante da situação atual do *kibutz* despertam muita simpatia, mas eu as considero errôneas. Correto, quando se vê o *kibutz* por dentro se percebem muitos indícios de alienação e de desmoronamento. Uma realidade sombria para os que festejam o por do sol dos sonhos exigentes. Uma sociedade de consumo e de Bolsa de Valores, de mimos e de impotência espiritual. De rotina pesada a fatigante, de grilhões de injustiça social e de falta de inspiração. Estancamento do coletivo; infestação da liberdade criativa. Mas o *kibutz* de hoje não é um selo de fechamento, mas também de abertura de um novo ciclo de vida. Não somente envelhece, mas também renasce. Seu renovado começo não é menos desafiante que seu epílogo.

O KIBUTZ COMO A BIOGRAFIA DE SEUS FUNDADORES

A vida do *kibutz* solitário seguiu o curso da biografia de seus fundadores. Cada vez descobriam novos “fatos da vida”. “Nos sentimos como o primeiro homem” escreveu Itzjak Tabenkin, um dos pais fundadores do movimento *kibutziano*, quando nasceu o primeiro filho, quando a mãe deste estava longe sua própria. Desse modo descobriram o amor juvenil, o casamento, o parto dos filhos, a adolescência e agora... a velhice e o afastamento dos filhos. Cada etapa tropeçou em novas limitações (uma mulher da segunda *Aliá*, que completara 50 anos, escreveu que “nós, os da segunda *Aliá*, não podemos envelhecer”, mas evidentemente, comprovou que a revolução em sua vida carecia de forças para evitar o que irremediavelmente deve ocorrer).

Este paralelo entre o *kibutz* e a biografia de seus fundadores criou a ilusão que também a coletividade, a ideia, avançariam pelos processos invariáveis do nascimento e da morte. O fato que vivam no *kibutz* pessoas que nascem, amam, formam famílias, trabalham e morrem, não converte ao *kibutz* em uma negação dos processos biológicos e demográficos. Ideias dessa índole expressam, certamente, o sonho dos veteranos que queriam ao *kibutz* como lar, não somente como uma obra exposta às sacudidas dos ventos ou uma filosofia separada da existência de seus membros. Mas tudo isso não é mais que uma parte do quadro geral, de toda a imagem. Há muito desejo de ver o *kibutz* como uma sociedade não mecânica, sensível às necessidades humanas, mas essa visão é moral e nela tem um importante lugar a livre decisão. O *kibutz* como sistema aberto!

Ainda que o *kibutz* quisesse considerar-se coma o materializador dessa ideia na vida cotidiana, na biografia tangível de seus membros, ainda que quisesse que eles forjassem um estilo de vida que impusesse a carga de justiça na vida diária, dependeria sempre da decisão de seus membros, de seu desejo de viver nele. As leis que promulgamos, as instituições que criamos e nossa forma organizativa, dependem de nossa vontade de sustentar o *kibutz* e essa revolução deve refletir nossa responsabilidade e nossa liberdade. Assim como a família, com o decorrer do tempo, não está ligada somente à primeira lua de mel nem aos vínculos que emanam de uma compartilhada ou de uma experiência conjunto, e sim sua coesão tem a ver com a possibilidade interna de encontrar forças para criar nexos em meio à responsabilidade,

assim tampouco o *kibutz* é um organismo que atravessa os processos de infância, adolescência e morte, sendo uma sociedade que vive com cultura e com história, na qual há organismo imóveis, mas na qual há também *ação livre, decisão pessoal, possibilidade de aprender do passado, de acatar normas, de escutar o fluxo criador interno, de prestar apoio e de apoiar-se no próximo.*

A VONTADE DE SER UM KIBUTZ

Não basta que me digam que o *kibutz* materializa um estilo da sua própria existência, que o membro de *kibutz* representa objetivamente a igualdade pelo fato de que cumpre turnos para servir a comida, sendo válido, no refeitório coletivo. Importa-me também muito a decisão, do por que o faz, pois se surgisse um novo problema de trabalho que ninguém quisesse executar, ele tratara de resolver também esse problema conforme um sistema igualitário.

Quero assim mesmo uma sociedade orgânica que confie o peso ao maior número possível de forças humanas, quero uma sociedade que contemple as necessidades do homem, seu talento criador, uma sociedade que não destrua suas aspirações. Mas quero uma sociedade onde cada pessoa seja ela mesma. Que cada um escolha seu caminho e que expresse sua vontade, seus sentimentos. Que expresse sua consciência. A sociedade orgânica que eu quero é aquela que vê como um imperativo o negar a multidão como destino. Mas a minha fé não aceita o asilo ao cambio da liberdade, não admite como verdade absoluta a revelação, não à aceita como refugio para a alma, como lugar para escapar da responsabilidade e dever de escolher o próprio caminho.

Portanto, quando examino os problemas da sociedade *kibutziana* – mais além do luto negro ou florado, além da percebida deliberação dos mandatos dados aos primeiros ou da obsessiva adesão a eles – me interessa saber qual é o caminho que escolherá o *kibutz*, como ira expressar seu mundo desde o fundo das mudanças que tem ocorrido. Quero ler tudo que os sociólogos escrevam sobre mim, os psicólogos, novelistas e especialistas em ciência política. Mas quero descobrir neles um espaço para minha própria decisão, a possibilidade de descobrir as verdadeiras encruzilhadas das quais tropeça a nossa sociedade.

O KIBUTZ DE ONTEM E HOJE

No passado, o *kibutz* estava acostumado a submeter se as leis da historia, a “inevitabilidade” da materialização do sionismo e do socialismo. Tinha quem via nisso uma espécie de submissão aos modelos abstratos, mas ainda assim era evidente o entusiasmo dos indivíduos, a experiência de serem “pioneiros que assumem por si mesmos, voluntariamente, agora, a implementação do que indefectivelmente haverá de acontecer logo”.

Hoje, são muitos os que julgam o *kibutz* como uma sociedade onde o presente – em seu aspecto obrigatório: economia, sociologia, psicologia, meios de comunicação – é virtualmente o destino. Mas eu acredito no que fazem os educadores, artistas, trabalhadores, economistas e ativistas dispostos a entender a situação e orientá-la. Desenvolver sistemas e aprofundá-los, promulgar leis, revelar sensibilidade aos companheiros e exigir uma conduta

correta. Se fossemos capazes de fazer isso, quem sabe poderíamos ver que “brotam flores no país”.

A legislação social que precisamos não deve expressar um desejo de preservar sem mudar uma situação, congelá-la e defender o ontem perante o hoje. Tem que ser o fruto de um colóquio renovado. Deve ser um diálogo, uma legislação mais estável que as conversações coletivas, a revelação, a confissão ou a repressão. Mas não se deve tentar como resultado do medo a tudo isso. Creio que, no meio do motim deveria se encontrar forças que queiram enfrentar os grandes problemas da nossa vida no *kibutz*: como pode expandir a rotina e a cultura perante a ação, como pode manter a vida interna diante da pressão externa e como pode prestar seu apoio ao *kibutz* e participar em tudo que a sociedade de Israel não é capaz de fazer com seus instrumentos políticos?

Para insistir em tudo isto não podemos confiar somente que existimos que temos um povoado, que nascem crianças, senão que esta faltando intensificar a base consciente, o estudo, devemos divulgar, despertar a espontaneidade nas relações pessoais, dar expressão a dor, dar ao sonho uma possibilidade de vida.